

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA, EM RASA E CAVEIRA.

Anti-Racist Pedagogical Practices in Quilombola School Education in Rasa and Caveira.

Gessiane Ambrosio Nazario¹

Juliana Pacheco de Oliveira²

1 Pós-doutora em História Comparada – UFRJ e Professora das séries iniciais do Ensino Fundamental 1 na Rede Municipal, em Armação dos Búzios. Co-fundadora e membra da Coordenação do Coletivo de Educação da Conaq. Coordenadora da Área Científica “Quilombos, territorialidades e saberes emancipatórios da Abpn” (2022-2024) ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5472-8107> ; Lattes: <https://lattes.cnpq.br/902669413530095> ; E-mail: gessiane.ambrosio@gmail.com

2 Mestra em Ensino de História - Universidade Federal Fluminense e Coordenadora de Educação Escolar Quilombola e Antirracista - Semed SPA e Dinamizadora do Programa de Ensino de História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena - Seme Cabo Frio ; ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3444-8086> ; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6087715180675368> Email: juhistoria2004@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de refletir sobre as práticas de ensino e aprendizagem desenvolvidas em duas escolas de diferentes comunidades quilombolas da Região dos Lagos, no estado do Rio de Janeiro. Estas comunidades foram formadas no período pós-abolição e com eventos históricos em comum. Nesse sentido, o uso da memória dos mais velhos apresenta-se como uma ferramenta fundamental para a construção de uma Educação Escolar Quilombola e Antirracista, tornando a aprendizagem mais significativa através da valorização dos saberes locais, das biografias dos anciãos em sala de aula e da luta por direitos, tão importante para o empoderamento dos e das estudantes. Nesta perspectiva, a escola aparece como um espaço formativo de cidadania e de (re) conhecimento identitário para os quilombolas do Quilombo da Rasa, em Armação dos Búzios, e da Caveira, em São Pedro da Aldeia. Para análise das duas práticas escolares, tomaremos por base a metodologia da história oral para guiar as reflexões sobre as trajetórias dos mais velhos nas respectivas comunidades e suas memórias, que são o norte para refletir sobre a história social da região e as lutas por direitos. Também utilizamos a metodologia da observação participante durante a nossa prática de ensino. As estratégias para as práticas pedagógicas na Educação Escolar Quilombola devem ser construídas a partir de cada comunidade, um princípio básico das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola e um complexo desafio.

Palavras-Chave: Quilombos, Educação Escolar Quilombola, Políticas Públicas, Educação Antirracista, Memória.

Abstract

The present work aims to reflection the teaching and learning practices developed in two schools of different quilombola communities in the Lakes Region, in the state of Rio de Janeiro, formed in the post-abolition period and with common historical events. In this sense, the use of memory presents itself as a fundamental tool for the construction of a Quilombola and Anti-Racist School Education, making learning more meaningful through the appreciation of local knowledge, the biographies of the elderly in the classroom and the struggle for rights, so important for the empowerment of students. In this perspective, the school appears as a formative space of citizenship and identity (re)knowledge for the quilombolas of Quilombo da Rasa, in Armação dos Búzios and Caveira, in São Pedro da Aldeia. For the analysis of the two school practices, we will take as a basis the methodology of oral history to guide

reflections on the trajectories of the elders in the respective communities and their memories, which are the guide to reflect on the social history of the region and the struggles for rights. We also use the methodology of participant observation during our teaching practice. Strategies for pedagogical practices in Quilombola School Education must be constructed from each community, a basic principle of the National Curricular Guidelines for Quilombola School Education and a complex challenge.

Keywords: Quilombos, Quilombola School Education, Public Policies, Anti-racist Education Memory

Introdução

As comunidades da Caveira, em São Pedro da Aldeia, e da Rasa, em Armação dos Búzios, não se originaram da fuga de escravizados para fora da sociedade escravista, como no caso clássico do Quilombo dos Palmares. Ambas as comunidades fazem parte de um contexto de ressemantização da categoria Quilombo³, antes vistas numa ótica reducionista, relacionada à ideia de comunidades que seriam continuidades daquelas formadas por fugas no período escravista.

Essa ressemantização é debatida no artigo “Quilombos”, do antropólogo José Maurício Arruti (2004); ele demonstra que a categoria está em disputa e conceitua que esses grupos apresentam características comuns, tais como territorialidade, predomínio do uso comum da terra, laços de parentesco e relações de solidariedade e reciprocidade. Além disso, essas comunidades possuem uma origem ou ancestralidade em comum e saberes partilhados. As memórias do cativo também são parte constitutiva da ressemantização do termo “remanescentes de quilombos”.

A história das duas comunidades se entrelaça com a história da Fazenda Campos Novos, instalada no século XVII com o nome de Fazenda de Santo Ignácio dos Campos Novos e administrada pelos padres jesuítas. Era um importante centro de abastecimento que, no início, utilizava mão de obra indígena. Posteriormente, o trabalho foi realizado por escravizados de origem africana.

A região foi nomeada pelos historiadores Jonathas Carvalho e Nilma Accioli como o antigo Cabo Frio, abrangendo territórios que hoje conhecemos como os municípios de Cabo Frio, Arraial do Cabo, São Pedro, Armação dos Búzios, Iguaba e Araruama.

A escravidão no Brasil durou séculos, com os primeiros africanos traficados chegando no começo do século XVI. A partir de 1807, a Grã-Bretanha proibiu o tráfico de escravizados e passou a combatê-lo internacionalmente. Atendendo

3 Neste ponto, nos remetemos ao contexto histórico da redemocratização, quando, na construção da constituição de 1988, as comunidades negras rurais, formadas por descendentes de ex-escravizados, reivindicavam direitos à titulação de seus territórios.

às pressões inglesas, internacionais e internas, a atividade começou a ser restringida no Brasil com as leis de 1831 e 1850. Apesar disso, os desembarques continuaram por algum tempo, mesmo na ilegalidade, até depois de 1850.

Na Região dos Lagos, José Gonçalves da Silva é reconhecido como um dos principais traficantes. O local hoje identificado como Praia Rasa, Manguinhos e Praia de José Gonçalves foi um dos pontos utilizados como desembarque de africanos. De acordo com a documentação acessada por Nilma Accioli, 7.040 escravizados foram desembarcados nesse local, vindos de portos de Angola e Moçambique. Essa memória é recordada pelos mais idosos, que ouviram de seus avós, e é essencial para o entendimento de suas trajetórias neste território.

Após a abolição da escravidão, a Fazenda Campos Novos passou por um intenso processo de fragmentação e desmembramento de seu território tendo sucessivos donos. Mesmo após a abolição em 1888, as/os ex-escravizadas/os continuaram morando nas fazendas e, em troca, ofereciam trabalho nas plantações dos fazendeiros. A relação estabelecida era de troca de serviços: em troca da terra para morar, os/as ex-escravizados/as pagavam com dias de trabalho. Esse regime chamava-se arrendamento e foi mantido pelo novo dono, Eugenio Honold, empresário alemão que chegou à região, em 1924, e comprou algumas das fazendas ao redor para integrar ao território da antiga Fazenda Campos Novos.

Toda essa narrativa histórica só foi possível remontar a partir das memórias dos mais velhos das comunidades, como os que habitam Caveira e Rasa, relatos imprescindíveis para a compreensão do que são as comunidades quilombolas hoje. As Comunidades Quilombolas da Região dos Lagos configuram sua origem étnica a partir de uma memória ligada aos processos de escravização nas terras da Fazenda Campos Novos.

A Educação Escolar Quilombola (doravante EEQ) é uma modalidade de ensino que surgiu em meio a uma série de lutas por políticas públicas, protagonizadas por grupos descendentes de pessoas ex-escravizadas que enfrentaram séculos de exclusão social. Esse processo de conquista foi marcado por uma trajetória repleta de desafios, incluindo debates que ecoavam as discussões sobre a Educação Escolar Indígena, a Educação do Campo e conquistas do Movimento Negro Educador. A partir da década de 1990, o movimento quilombola, mesmo tendo pautas em comum com o movimento negro, passa a defender uma agenda específica que estivesse a cargo das lideranças quilombolas, pois suas reivindicações estavam relacionadas a questões fundiárias. Todas essas frentes de luta foram fundamentais para a conquista da EEQ.

Em 1995, aconteceu, em Brasília, o primeiro encontro das comunidades quilombolas do Brasil. Ali, foi construída a primeira carta de reivindicações do movimento. Neste primeiro documento já se reivindicava uma educação específica para as escolas dos territórios quilombolas. Tal reivindicação só foi

possível a partir da experiência da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, em Salgueiro, PE, que trazia consigo uma experiência de luta política contra o controle da escola pela família de fazendeiros locais. Décadas depois, em 2012, o Projeto Político Pedagógico desta mesma comunidade inspirou a elaboração das Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola⁴.

As Diretrizes Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (doravante DCNs) são uma importante conquista, porém a sua efetiva implementação depende de que as prefeituras tenham políticas públicas para essas comunidades e que as escolas tenham infraestrutura para a sua realização. Além disso, muitos materiais e projetos desenvolvidos nas unidades escolares ainda reproduzem estereótipos em relação às identidades quilombolas. Cada comunidade precisa de material pedagógico que atenda suas especificidades e respeite a identidade dessa mesma comunidade. O processo de mudança nas práticas pedagógicas das escolas destes territórios também depende de investimentos na formação das/dos professoras/es, nos seus planos de carreiras e na infraestrutura de trabalho.

1. Rasa

1.1. AUTORA 1

A reflexão que apresentarei está baseada na minha prática docente enquanto professora na Escola João José de Carvalho, no bairro da Rasa. Antes de ser um bairro, a Rasa era um território que compreendia o que conhecemos, hoje, como os bairros de Vila Verde, Cruzeiro, Alto da Boa Vista, Arpoador etc. O nome Rasa faz referência à praia do território que possui águas muito rasas e é o centro das tradições pesqueiras dos quilombolas da Rasa.

A escola onde trabalho recebe crianças de todas as localidades mencionadas no parágrafo anterior e, atualmente, é a maior escola da Rede Municipal de Armação dos Búzios, contando com 830 estudantes e 150 funcionários.

No ano de 2023, realizei um estudo de pós-doutorado em História Comparada intitulado de “A história e a memória quilombola nas práticas de ensino e aprendizado na alfabetização de crianças, em escola quilombola”. Neste estudo, tomei o desafio de avaliar as minhas práticas ao me posicionar no lugar de professora pesquisadora.⁵

4 Resolução Nº 8, de 20 de Novembro de 2012.

5 Baseio-me na metodologia de pesquisa participante que se opõe a uma concepção positivista de ciência que concebe a produção do conhecimento como uma prática pura e neutra de posições políticas. Na concepção da pesquisa participativa, o conhecimento é produzido com os sujeitos envolvidos que os integram em todo o processo e é fundamental para o processo de conscientização político-social (Silva 2006). Na pesquisa participante, o objeto de pesquisa é construído junto com o grupo a partir de suas demandas e interesses. Nesse caso, os objetivos são parte dos interesses educacionais dos quilombolas da Rasa aliados aos objetivos e aprendizagens do currículo escolar.

Desde que assumi meu cargo no concurso de Búzios, em 2019, tenho pensado e criado recursos didáticos para a minha prática docente. Tais recursos situam-se na prática de contação de histórias como didática principal para transmissão da memória oral em sala de aula, além da presença dos próprios/as quilombolas para relatarem as suas experiências. Como nem sempre podemos ter a oportunidade da presença dos mais velhos na escola, ter essas memórias registradas e adaptadas para a linguagem teatral e literária é uma potente ferramenta de ensino.

Um dos maiores desafios na EEQ é construir uma prática cotidiana baseada nos princípios orientados pelas DCN's para a EEQ em nossos territórios. Sair da generalidade de concepções sobre as identidades quilombolas e essencialização com as quais nossas histórias têm sido tratadas na estrutura burocrática das escolas a partir de uma identidade quilombola padronizada, consolidada no senso comum, que silencia as histórias de luta de nossos ancestrais pelo território, é parte deste desafio.

Ao pensar nas atividades, muitos questionamentos me vieram à mente, como: “Que atividades encontrariam um diálogo, de forma interdisciplinar, com os objetivos da Resolução 8, de 20 de novembro de 2012, e as habilidades necessárias ao sucesso escolar e acadêmico das pessoas quilombolas?”

Coloquei-me, então, no desafio de incorporar aos objetivos de aprendizagens do ciclo de alfabetização, numa turma de segundo ano, da Escola Municipal João José de Carvalho, os princípios e informações históricas necessários para o conhecimento e valorização das identidades das próprias crianças, para que isso as levasse gradativamente à compreensão de seus direitos.⁶

1.2. COMBATENDO O SILENCIAMENTO HISTÓRICO EM SALA DE AULA

Em pesquisas realizadas durante meu mestrado e doutorado (2014-2020), constatei que existe um significativo silenciamento da história de luta dos quilombolas da Região dos Lagos, RJ. Na escola pesquisada, na Rasa, o próprio patrono que dá nome à escola, João José de Carvalho, conhecido na comunidade como João Guelo, não é falado nas aulas de história da escola. João Guelo era um pescador local que teve grande influência quanto a conquistas de algumas melhorias para a comunidade, como: abertura de ruas, telefone público, luz...

As personalidades negras, os seus modos de viver e suas trajetórias são apenas lembrados no dia Municipal Quilombola e no Dia da Consciência Negra, em novembro. Essas datas foram demandas do Movimento Negro local

6 A Rede Municipal em Armação dos Búzios trabalha com a proposta de ciclos de aprendizagens na alfabetização. Tal proposta entende a Alfabetização como um processo de consolidação de habilidades que serão aprofundadas durante os três anos do ciclo.

e da Associação Quilombola. Ainda assim, as ideias sobre os/as quilombolas são reproduzidas de maneira exótica. Por exemplo: há a insistência em falar com as crianças sobre Jongô no sentido de "resgatar essa cultura", quando o que acontece realmente é uma reinvenção dessa expressão cultural a partir de uma visão do tempo presente. A prática do jongo não faz parte da tradição quilombola da Rasa. A identidade cultural que predomina nas famílias da Rasa é a pesca. Nesse sentido, "a tradição deve ser reinventada, pois o costume não é algo tangível que possa ser resgatado. É preciso estar atento ao significado que ele possui no presente." (Nazario 2020, 61)

A história de expropriação das terras citadas no início desse texto foi vivenciada por meus bisavós e avô. Nesse sentido, entendo a educação escolar quilombola como, também, uma reinvenção da memória de luta ao produzir um outro diálogo com o passado e com a história. Podemos, então, desconstruir uma narrativa branca e empresarial que produz imagens sobre uma Búzios "cosmopolita" e de "luxo" em detrimento do suor e sangue derramado pelas famílias negras da Rasa e Baía Formosa.⁷

Essa escrita de dor, inscrita nos corpos dos quilombolas, clama por justiça. Urge vir à tona e conflitar essa narrativa oficial branca que é muito forte nos currículos escolares. A história do município e da cidade cosmopolita, com toda sua paisagem turística, paraíso da especulação imobiliária, foi construída com o sangue, o suor e as lágrimas dos descendentes de escravizados que foram expulsos e expropriados de suas terras, ocupadas por hotéis, pousadas, casas de veraneio e condomínios de luxo. A imagem de Búzios não pode ser maculada com o passado escravocrata e o tráfico negreiro que constituíram a base de formação da sua elite oligárquica. A história oficial do município tem como eixo principal a visita de Brigitte Bardot, que tem uma estátua na Rua das Pedras para apreciação dos turistas, enquanto os meus ancestrais quilombolas são apagados e esquecidos, assim como suas histórias de luta e resistência. Nada contra a atriz francesa, não estou falando da pessoa em si, mas tudo contra o uso da sua imagem como instrumento para apagar memórias que incomodam a história oficial (Nazario 2014).

O nome de ruas, praças, escolas, praias se referem a traficantes de escravos e seus descendentes, a fazendeiros ou a empresários que transformaram Búzios em uma cidade de negócios para uma nova oligarquia burguesa. A algumas escolas até foram dados nomes quilombolas, e em materiais de propaganda turística foram incluídas referências às comunidades da Rasa e Baía Formosa, mas de modo folclorizado, exotizado, como produtos para o consumo turístico, reforçando o silenciamento de uma memória de luta e resistência negra e

7 Armação dos Búzios abriga duas comunidades quilombolas: Rasa e Bahia Formosa.

quilombola, que nossa querida tia Uia⁸ tanto reforçava. Retiraram a historicidade da cultura e da identidade quilombolas vinculando-as a supostos costumes que precisariam de uma ação de resgate (dança, comida, festas). Tais iniciativas do poder público, entretanto, excluem qualquer referência ao **processo** de destruição do modo de vida (no qual a posse da terra era um elemento central) que sustentava essas danças, festas, comidas e faziam sentido para aquelas pessoas. Isso também joga as comunidades para um passado congelado e fortalece a noção de que os quilombolas são remanescentes (restos, sobrevivências) de algo que não existe mais. É preciso desconstruir essas imagens exotizadas sobre nosso povo, pois elas só contribuem para silenciar as memórias das lutas ancestrais. (Nazario 2014)

Com o objetivo de combater esses silenciamentos e as desigualdades sociais e raciais na escola, o movimento quilombola, CONAQ, desde a sua criação em 1995, preocupou-se em pensar uma Educação Escolar diferenciada para os quilombolas conforme a carta publicada no I Encontro Nacional dos Quilombos no Brasil:

Reivindicamos que o governo federal implemente um programa de educação de 1º e 2º graus especialmente adaptado à realidade das comunidades negras rurais e quilombolas, com elaboração de material didático específico e a formação e aperfeiçoamento de professores; 2. Extensão do programa que garanta o salário-base nacional de educação para os professores leigos das Comunidades negras; 3. Implementação de cursos de alfabetização para adultos nas comunidades negras quilombolas (Carta do I Encontro Nacional de Quilombos 1995)

1.3. A Educação Escolar Quilombola (EEQ)

A Educação Escolar Quilombola deve ser compreendida dentro desse projeto do movimento quilombola para todo o território do Brasil. É um projeto ousado que demanda investimento e constante debate entre a comunidade escolar, a comunidade quilombola e o poder executivo, por ser essencial para a existência das Comunidades quilombolas.

Para se pensar num programa pedagógico para as crianças da Rasa é necessário ter em mente o histórico de construção da cidade. Porque a história que tem sido privilegiada nas aulas de história é aquela orquestrada pelos fazendeiros junto aos empresários de turismo, a partir da visita da atriz francesa, Brigitte Bardot, no ano de 1964. Tal narrativa silencia a memória de luta pela terra dos mais velhos e das mais velhas das comunidades, avós e bisavós das crianças

8 Uia era o apelido de Carivaldina de Oliveira, uma das principais lideranças quilombolas da Rasa. Faleceu, em 2020, vítima da Covid19.

quilombolas. São diferentes fatos e tempos históricos que se desenvolvem desde o pós-abolição e as crianças e jovens precisam acessar essas histórias. Trata-se do direito à memória. A escola é o espaço fundamental para que essa memória seja institucionalizada nos currículos e materiais didáticos, promovendo, assim, a mudança nas práticas e proporcionando às crianças um aprendizado dinâmico e potencializado, pois

[...] é na sala de aula que se realiza um espetáculo cheio de vida e sobressaltos. Cada aula é única. Nesse espetáculo, plural, a relação estabelecida é aquela em que o/a professor/a fornece a matéria para raciocinar, ensina a raciocinar, mas, acima de tudo, ensina que é possível raciocinar. (Albuquerque; Ferreira e Moraes 2008)

A partir da citação, acima, podemos refletir que “a matéria” a ser oferecida para que as crianças aprendam quem elas são e como raciocinarem sobre os tempos históricos é a memória de luta de seus próprios avós e antepassados. Madalena, Bibiana, Tertela, Uia, Eva, Eugênia, Roasa, Jovlina, Maria, Donária, Simoa, Leopoldina, Aspino, Ilson, Afonso, João e tantos outros/as apagados por uma narrativa branca, de classe⁹ e hegemônica. Penso que é assim que reconstruiremos a história do Brasil que foi deturpada pelo racismo.

Ao me posicionar enquanto uma professora-pesquisadora quilombola, que busca romper silêncios em sua própria história familiar, procurei demonstrar como é possível a nós, sujeitas e sujeitos quilombolas tomarmos consciência de nossa condição histórica para reforçar a luta por efetivação e ampliação de direitos e contribuir para a mudança de nossa sociedade em um lugar justo e seguro a nós.

O desejo de incutir valores de justiça esteve presente no decorrer de todas as atividades planejadas para os trimestres do ano em que ocorreu a pesquisa. A EEQ traz para a sociedade brasileira o desafio da mudança de paradigmas educacionais e das práticas pedagógicas, induzindo a uma mudança nas formas de se pensar as atividades na escola. Dessa forma, foi imprescindível priorizar a história da comunidade e os lugares importantes do território durante os assuntos tratados em aula.

Como leciono no ciclo de alfabetização, situo a minha prática no contexto de mudança que o sistema educacional brasileiro tem vivido desde os anos de 1980, no campo da alfabetização, nos quais diferentes pesquisadores da área de psicologia, linguística, pedagogia, entre outras, buscaram redefinir o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita. (Albuquerque, Ferreira e Moraes 2008)

Somada a essa mudança, temos o desafio, já mencionado, de articular essa prática aos objetivos da EEQ. Sendo assim, a partir dos autores (Albuquerque,

9 A classe referida é a dos fazendeiros, latifundiários e empresários de turismo.

Ferreira e Moraes 2008), situei a minha prática às mudanças de nível de conteúdo, que são àquelas de natureza didática, e ao nível de organização do trabalho pedagógico, que constituem a mudança relativa na organização do trabalho pedagógico que envolvem: organização dos/das estudantes na sala, divisão do tempo, formas de avaliação e organização do espaço, o ambiente alfabetizador. Tais movimentos de mudanças, na prática, parecem simples, porém é necessário ter um vasto conhecimento sobre a história local para se pensar os detalhes dessas adaptações do cotidiano escolar.

FIGURA 1. AMBIENTE DA SALA DE AULA EM DIÁLOGO COM A CULTURA QUILOMBOLA LOCAL.



FONTE: ACERVO PESSOAL DA AUTORA.

Na ornamentação da sala, busquei representar a tradição pesqueira da comunidade quilombola da Rasa no mural da sala. Também acrescentei referências da comunidade no alfabeto pendurado na parede, do outro lado da sala, com pessoas importantes da comunidade, e ainda animais e objetos da cultura quilombola local. O ambiente alfabetizador é parte da organização do trabalho pedagógico no ciclo de alfabetização.

A análise diagnóstica inicial da turma apresentou que o total de estudantes estava no nível alfabético de escrita, ou seja, demonstravam apropriação do sistema de escrita alfabético. Sendo assim, tomei como objetivo as práticas didáticas que estimulassem o avanço de seus conhecimentos para a escrita ortográfica e para a produção textual, que está relacionada às práticas de letramento, que são as capacidades de uso da escrita nos diferentes contextos sociais. Como, por exemplo, habilidades de interpretar e produzir textos de

diferentes gêneros, habilidades de orientar-se pelas convenções de leitura que marcam o texto, ou seja, atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, de compreensão e apreensão do mundo ao seu redor (Soares 2020).

A partir desses pressupostos, tomei como ponto de partida a história da comunidade da Rasa com base nas memórias dos mais velhos, associando objetivos de aprendizagem de maneira interdisciplinar. Ao mesmo tempo em que conduzi as crianças a refletirem sobre como e o que é o racismo presente na cidade de Búzios e no Brasil, estabeleci uma dinâmica de pensamento ao trabalhar com eventos locais, mas que também fazem parte da história do Brasil. Dessa forma, atendendo a um dos objetivos do processo de alfabetização e letramento que é considerar, durante o desenvolvimento da aprendizagem da apropriação do processo de escrita alfabética, as aprendizagens iniciais do sujeito, ou seja, os conhecimentos que trazem de seu contexto cultural e social, de maneira que haja qualidade nesse avanço de aprendizagens. Por exemplo, no conceito de “arrendamento”, não me detive apenas à análise estrutural da cadeia sonora desta palavra, mas também ao seu significado, “a ideia a que a cadeia de sons se refere” (Soares 2020, 43) e o que ele representa na história para os quilombolas locais.

Na EEQ, o objetivo a ser atingido não é apenas o da consciência fonológica ou consciência fonêmica, por exemplo, mas também, e sempre que possível, a consciência histórica. Desocultar as verdades silenciadas é um dos principais desafios na EEQ em Armação dos Búzios. Meu objetivo é fazer com que essas práticas tornem-se parte da minha rotina de trabalho e não apenas no plano de projeto que acontece ocasionalmente no decorrer do ano letivo. Dessa maneira, o desafio foi desenvolver essas práticas emancipatórias e antirracistas no decorrer dos três trimestres do ano letivo.

O público de estudantes nesta escola não é predominantemente de famílias quilombolas tendo em vista os próprios processos históricos de racismo estrutural pelos quais as famílias passaram, como o de desterritorialização e expropriação. Isso foi considerado como um dado para a reflexão histórica durante as aulas. Lembremos que a EEQ é para todos e não exclusivamente para os quilombolas, pois o/a outra/o precisa conhecer, reconhecer e valorizar a história e cultura de seu colega para que cresça uma pessoa capaz de respeitar os direitos e as diferenças sociais.

1.4. METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos, tomei como principal fonte de informações o meu livro *Revolta do Cachimbo – a luta pela terra na comunidade da Caveira*, que é parte da minha pesquisa de doutorado. Adaptei essas informações para que se tornassem conteúdos no aprendizado, em diálogo com a matriz curricular do município. Recorri ao recurso de contação de história e da literatura infantil, afinal a literatura infantil nasce da oralidade. Tomei como desafio, criar

atividades baseadas em lendas presentes no imaginário dos moradores mais antigos, quando ainda viviam no estilo de vida rural, que foi drasticamente mudado pela chegada do turismo na região. Concordando com Antônio Cândido,

Talvez o mais difícil de todos os gêneros literários seja a história para crianças. Gênero ambíguo, em que o escritor é forçado a ter duas idades e pensar em dois planos: que precisa ser bem escrito e simples, mas ao mesmo tempo bastante poético para satisfazer um público mergulhado nas visões intuitivas e simplificadoras.

Ao longo do processo de criar e pensar as atividades, tomei por desafio a transmissão, numa linguagem simples, de assuntos complexos, como: a escravização, o regime de arrendamento, o processo das expropriações e a transformação das famílias negras descendentes dos ex-escravizados em mão de obra para o mercado capitalista (turístico e imobiliário) e o processo de autorreconhecimento dessas pessoas enquanto quilombolas.

Através do teatro e contação de histórias, foi possível retirar do silêncio as poesias de dona Rosa Geralda da Silveira¹⁰; a lenda do Boitatá; o conhecimento de pesca das mulheres quilombolas e muitos outros saberes. Também adaptei essa centralização histórica para as atividades de produção textual, de leitura, de ortografia, entre outras, sempre que possível.

Levei as crianças aos lugares citados na história, como a sede da Fazenda Campos Novos, o ponto de desembarque de navios negreiros na Praia Rasa e o Mangue de Pedras na Praia Rasa. Lugares de reprodução dos conhecimentos ancestrais da comunidade da Rasa.

FIGURA 2. VISITA AO CASARÃO DA FAZENDA CAMPOS NOVOS. CABO FRIO, RJ.



FONTE: FOTO DE NATHÁLIA LIBARDI.

10 Rosa Geralda da Silveira foi uma importante liderança na luta pela terra, no quilombo da Caveira. Era poetisa e foi a primeira mulher a integrar o sindicato de trabalhadores rurais de sua região.

Convidei pessoas quilombolas da comunidade da Rasa para compartilharem conhecimentos com as crianças sobre as áreas de música e/ou de pesca. A música também é muito presente no cotidiano das famílias quilombolas. Na imagem a seguir, Roselene Pereira, artista e pescadora quilombola, ensina as crianças sobre a história e o Mangue de Pedras.

FIGURA 3. VISITA DA QUILOMBOLA ROSELENE PEREIRA NUMA DAS AULAS.



FONTE: ACERVO PESSOAL DA AUTORA.

No ano de 2023, lecionei componentes curriculares de Língua Portuguesa, História e Geografia. Trabalhei com os seguintes objetivos de aprendizagem, de maneira interdisciplinar, a partir do Tema **Mangue de Pedras**:

QUADRO 1. QUADRO FEITO A PARTIR DA MATRIZ CURRICULAR DO MUNICÍPIO ARMAÇÃO DOS BÚZIOS E BNCC.

Língua Portuguesa	História	Geografia	Ciências
Incentivar o gosto pela leitura e pela produção escrita, através de autoras próximas às crianças, como a professora Dona Rosa.	Trabalhar a historicidade social e geológica do Mangue de Pedras.	Trabalhar a historicidade social e geológica do Mangue de Pedras.	Trabalhar a preservação ambiental através da compreensão do lugar enquanto um ecossistema raro no mundo.
Trabalhar a partir das palavras (nomes dos elementos e seres vivos) do Mangue de Pedras. Realizar a análise do Sistema de Escrita Alfabética a partir dos nomes aprendidos.	Refletir sobre o papel das mulheres na luta pela terra.	Trabalhar a questão da identidade étnica e territorial dos alunos quilombolas no sentido de fortalecê-las através do diálogo entre seus saberes e os saberes escolares. Com os alunos não quilombolas, trabalhar o respeito à diversidade, mostrando-lhes a importância dos quilombolas no conhecimento do uso sustentável do Mangue de Pedras.	Destacar a importância dos quilombolas no conhecimento do uso sustentável do Mangue de Pedras.
Incentivar a compreensão e a produção textual	Refletir sobre a produção escrita das mulheres quilombolas.	Compreender a formação geológica do lugar.	Identificar os tipos de rochas do mangue.
Identificar os gêneros textuais a partir da obra das duas autoras: Carolina Maria de Jesus e Rosa Geralda da Silveira.	Comparar as trajetórias de vida de mulheres negras no campo e na cidade a partir da escritora Carolina Maria de Jesus, enquanto moradora de favela em São Paulo, e Rosa Geralda da Silveira, do Quilombo da Caveira.	Reconhecer a localização do Mangue no mapa da cidade e seu vínculo com o território quilombola. (Leitura cartográfica)	Conhecer plantas, peixes e moluscos existentes no Mangue de Pedras.
Estimular a capacidade de se expressar oralmente, respeitando os momentos de fala de cada um.	Compreender a importância do local na história dos grupos quilombolas da cidade.	Visitar os lugares históricos com as crianças.	Identificar os tipos de plantas no território visitado.
Produzir textos em gêneros diversos, listando os problemas identificados.	Refletir sobre os problemas atuais no território a partir dos conhecimentos históricos.		
Reconhecer a importância da leitura e produção de texto informativo.	Estimular a consciência crítica através dos conhecimentos históricos.		

FONTE: MATRIZ CURRICULAR DO MUNICÍPIO ARMAÇÃO DOS BÚZIOS 2023 E BNCC 2018.

1.5. RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS:

- Quadro de contação de histórias tendo como cenário central a Fazenda Campos Novos.
- Feltro para a criação do mural da sala.
- Impressão colorida para os cartazes da sala.
- Caixa de som.
- Folha A4.
- Papéis de diferentes texturas para estimular a criatividade durante as produções.
- Ônibus escolar para a visita ao território.
- Livro da professora: Revolta do Cachimbo.
- Poesias de dona Rosa Geralda.
- Visita de pessoas quilombolas à escola.

O desenvolvimento das atividades acima me proporcionou: criar recursos e materiais didáticos com a temática; possibilidade das crianças quilombolas compartilharem seus conhecimentos sobre o Mangue com as/os outras/os colegas; incentivar as crianças a escreverem o que mais lhes chamou a atenção no mangue para ser aprofundado em aula; estimular o debate e o respeito às diferenças considerando as desigualdades sociais, pois as diferenças são construídas socialmente numa relação intrínseca com as formas ou os modos de dominação. Daí a importância de se refletir desde a infância como esses fatos são constituídos; quem são as elites dominantes em Armação dos Búzios e as consequências de suas ações para os dominados.

2. Caveira

2.1. AUTORA 2

A E. M. Quilombola Dona Rosa Geralda da Silveira está localizada no Quilombo da Caveira, em São Pedro da Aldeia, no estado do Rio de Janeiro, mais especificamente na Região dos Lagos, onde existem alguns outros quilombos. Segundo o relatório de Identificação e reconhecimento territorial da Comunidade Negra Rural de Caveira, “a comunidade descende de negros que já ocupavam essa área mesmo antes da abolição da escravidão, trabalhando na lavoura e na criação de pequenos animais”¹¹.

¹¹ O Relatório de Identificação e Reconhecimento Territorial da Comunidade Negra Rural de Caveira e a delimitação das terras ocupadas pela mesma, no município de São Pedro da Aldeia, foi elaborado pelo Grupo Técnico firmado pelo Convênio nº 000/98, publicado no Diário oficial da União, em 03 de Julho de 1998, entre a Fundação Cultural Palmares - MinC e o Instituto de Terras e Cartografia do Estado do Rio de Janeiro - ITERJ, que designaram os seguintes profissionais para os serviços técnicos especializados: Eliane Cantarino, O'Dywer e José Paulo Freire de Carvalho. O Relatório foi publicado no Diário Oficial da União, em 10 de março de 1999, Seção I, p. 63.

A certificação da comunidade como “remanescente das comunidades de quilombo” pela Fundação Cultural Palmares¹² ocorreu em 2004, mas até hoje os moradores aguardam a titulação de suas terras. O processo histórico de formação desse quilombo se deu no contexto do pós-abolição, como tantos outros quilombos do Brasil, e teve como período de maior conflito os anos de 1950 e 1970, época de intensas disputas pela terra.

A única escola do quilombo foi inaugurada em 28 de maio de 2013, através de uma parceria entre o município e o governo federal, com recurso do programa Brasil Quilombola.¹³ Essa escola foi uma grande vitória para a comunidade, sendo resultado da luta de homens e mulheres do Quilombo. Foi a primeira escola quilombola inaugurada no Rio de Janeiro e o seu nome homenageia Dona Rosa Geralda da Silveira, grande liderança local, produtora de farinha, poetisa e sindicalista. Para os quilombolas da Caveira isso foi uma grande conquista, já que passaram a ter uma escola dentro de seu território.

Outra conquista da comunidade é garantir a Educação Escolar Quilombola na escola. Visto que, pressionados pela Associação, a Secretaria Municipal de Educação de São Pedro da Aldeia criou a coordenação de Educação Escolar quilombola e através dela viabilizou formações para os professores e a construção de um currículo diferenciado para essa escola. Desde 2021, atuo nesta coordenação, ao lado da também professora de História, Sílvia Rohem.

Muitos materiais e projetos desenvolvidos nas unidades escolares por todo o Brasil ainda reproduzem estereótipos em relação aos quilombolas e confusões acerca de conceitos importantes, como a identidade. Muitas redes de ensino acreditam contemplar a Educação Escolar Quilombola apenas aplicando o ensino de africanidades, o que leva muitas a acabarem folclorizando os corpos quilombolas. A formação continuada, recomendada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, são importantíssimas nesse processo de respeito às identidades de cada comunidade e suas especificidades.

Na construção do currículo foi fundamental a pesquisa que desenvolvi no mestrado profissional em Ensino de História (ProfHistória), pela Universidade Federal Fluminense. Entre 2021 e 2023, realizei visitas e entrevistas com a comunidade, relatórios, formações e reuniões pedagógicas com os professores, projetos, roda de conversa com os alunos e reuniões com os responsáveis. Essa observação participante foi fundamental para a elaboração de uma metodologia de ensino quilombola e antirracista.

12 O 4º do art. 3º do Decreto nº 4.887, de 20/11/2003, reserva à Fundação Cultural Palmares – FCP a competência pela emissão de certidão às comunidades quilombolas e sua inscrição em cadastro geral. Disponível em <<https://www.palmares.gov.br>> Acesso em 15 ago. 2022.

13 Era um conjunto de ações voltadas para a melhoria das condições de vida e ampliação do acesso a bens e serviços públicos das pessoas que vivem em comunidades quilombolas no Brasil e era coordenado pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Acesso em 04 de agosto, 2022. <https://www.gov.br>.

Através das reuniões com a Associação e as pesquisas de campo com a comunidade, a proposta curricular quilombola foi construída durante os encontros de formação em Educação Escolar Quilombola, junto com os professores da escola, baseando-se nos saberes da comunidade. Tais saberes são conhecimentos que os identificam e são passados de geração em geração.

Como determinam as DCNs e a Convenção 169 da OIT, o currículo quilombola da escola foi elaborado de forma coletiva com a participação da Associação de Remanescentes do Quilombo da Caveira. Em busca de garantir que todos pudessem participar dessa criação, foram realizadas três reuniões públicas para apreciação do currículo pela comunidade quilombola. O resultado foi um documento construído por vários atores sociais e cunhado num diálogo não hierárquico. Essa construção cooperativa foi fundamental, já que não se faz educação escolar quilombola sem a participação da própria comunidade quilombola.

Era preciso escutar a comunidade, ideia de escuta sensível que Alessandro Portelli defende em sua obra “História oral como arte da escuta” (2016). No meu contato com a comunidade, precisei entender que o currículo diferenciado que os quilombolas almejam não pode ser um apanhado de conteúdos que eu considere o melhor, mas sim o que faz sentido para a comunidade em questão. Como afirma Portelli (2016), a História oral é primordialmente uma arte de escuta e toda escuta envolve respeito.

A partir das conversas com a comunidade, percebi que a marca da identidade quilombola da Caveira é a história de resistência e a valorização da terra. Se, no passado, a produção de farinha os unia, agora são as memórias de resistência que fortalecem essa identidade.

Os currículos da Educação Básica na Educação Escolar Quilombola devem ser elaborados com base nos valores e interesses das comunidades quilombolas e em consonância com seus projetos de sociedade e de escola. Portanto, devem refletir os contextos socioculturais, regionais e territoriais dessas comunidades e incorporar a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, conforme a Lei nº 9.394/96 (alterada pela Lei nº 10.639/2003), e a Resolução CNE/CP nº 1/2004.

O currículo diferenciado é um instrumento de auxílio ao empoderamento dos alunos e à apropriação dos saberes da comunidade junto ao conhecimento escolar legitimado. É propiciar que nossos alunos se vejam representados, não apenas na visão de dominado, mas sim como protagonistas da história e sujeitos de direito. A proposta curricular quilombola tem como temas a história de luta e resistência dos quilombolas da Caveira; o uso de biografias dos anciãos em sala de aula; as tradições orais transmitidas pelos anciãos e saberes da comunidade, como o uso das plantas para fins terapêuticos; e documentos importantes que asseguram seus direitos. Esses temas perpassam

todos os componentes curriculares e campos de experiência de uma forma interdisciplinar.

Na contramão do histórico educacional brasileiro de invisibilidade de negros/as, quilombolas, mulheres e camponeses, busquei a elaboração de materiais pedagógicos que garantissem representatividade no espaço escolar e proporcionassem uma aprendizagem significativa. Um desses recursos é um calendário quilombola cujo objetivo é a valorização de pessoas importantes da comunidade. Dessa forma, cada mês tem a fotografia de uma dessas pessoas e todas as salas da escola têm o calendário exposto.

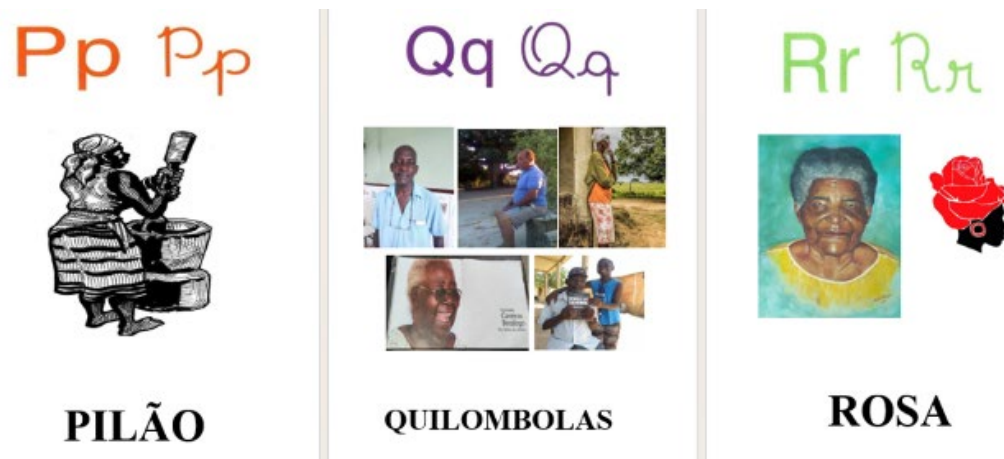
FIGURA 4. CALENDÁRIO QUILOMBOLA. VEMOS AS DUAS VERSÕES, UMA PARA AS PAREDES DAS SALAS DE AULA E OUTRA PARA COLAR NOS CADERNOS.



FONTE: PRINT DOS CALENDÁRIOS POSTADOS NO SITE WWW.QUILOMBOCAVEIRA.COM.

Outro material criado pela coordenação de Educação Escolar Quilombola foi o *Alfabeto Quilombola*, que também está exposto em todas as salas. Buscamos incluir palavras que façam parte do contexto dos alunos e da história da comunidade. Nossa ideia é a de que os alunos possam acrescentar novas palavras ao longo do ano.

FIGURA 5. ALFABETO QUILOMBOLA



FONTE: ACERVO PESSOAL DA AUTORA.

O diálogo com as suas tradições orais são um exemplo de como a memória pode ser utilizada na construção de material pedagógico para a escola, como fez a professora quilombola Gisele Dutra ao relatar tradições, como A vaca que colocava leite em pó, O susto do coelho, A enxada e outras que ouvia do seu avô paterno Simeão Dutra. Hoje, essas tradições estão escritas e são utilizadas pelas professoras e professores em sala de aula. As memórias dos anciãos também estão presentes no colégio através do uso de documentários e das suas participações em eventos da escola, como a roda de conversa realizada na Festa da Consciência Negra em 2022, que contou com a participação do Sr. João dos Santos; D. Maria dos Santos e a filha de D. Rosa, Nanci Geralda.

Durante um longo período, grupos historicamente subalternizados tiveram seu direito à memória negado, o que resultou em invisibilidade e marginalização de suas trajetórias. Nesse contexto, a memória coletiva se torna um instrumento essencial para a construção e fortalecimento da identidade quilombola, além de ser uma ferramenta crucial no combate ao racismo estrutural. A preservação e a valorização dessas memórias são fundamentais para a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária, em que todos os sujeitos históricos possam ser reconhecidos e respeitados.

Outra forma de se trabalhar a memória por meio da história oral¹⁴ foi a elaboração de biografias. O uso de biografias é uma excelente ferramenta

14 A partir da década de 1950, a história oral ganha mais espaço e passa a ser reconhecida como um grande instrumento para a compreensão dos acontecimentos e conjunturas sociais. Até então, era vista com desconfiança pelos historiadores tradicionais. As entrevistas passaram a ser reconhecidas como documentos, não no sentido de mostrar o que de fato ocorreu, mas de apontar a forma como o passado foi assimilado e interpretado.

pedagógica para o ensino de História, pois atribui nome e rosto a fatos que se conectam com a realidade local e com a história do Brasil. No passado, os estudos historiográficos não favoreciam esse tipo de pesquisa, já que a história cultural era frequentemente desvalorizada, e, dessa forma, relatos individuais, fontes orais e biografias eram vistos com desconfiança pelos historiadores. Havia uma dúvida sobre a capacidade das narrativas de vida contribuírem mesmo para a análise de uma coletividade.

A partir dos anos 1980, no entanto, houve um resgate e uma valorização das memórias individuais, e a biografia passou a ser utilizada para traçar trajetórias que, até então, ficavam à margem da História oficial. Por isso, nesse contexto, as biografias se tornaram uma excelente estratégia para o ensino de História, permitindo que os alunos compreendam as vivências e experiências de pessoas comuns, enriquecendo o estudo de eventos e processos históricos.

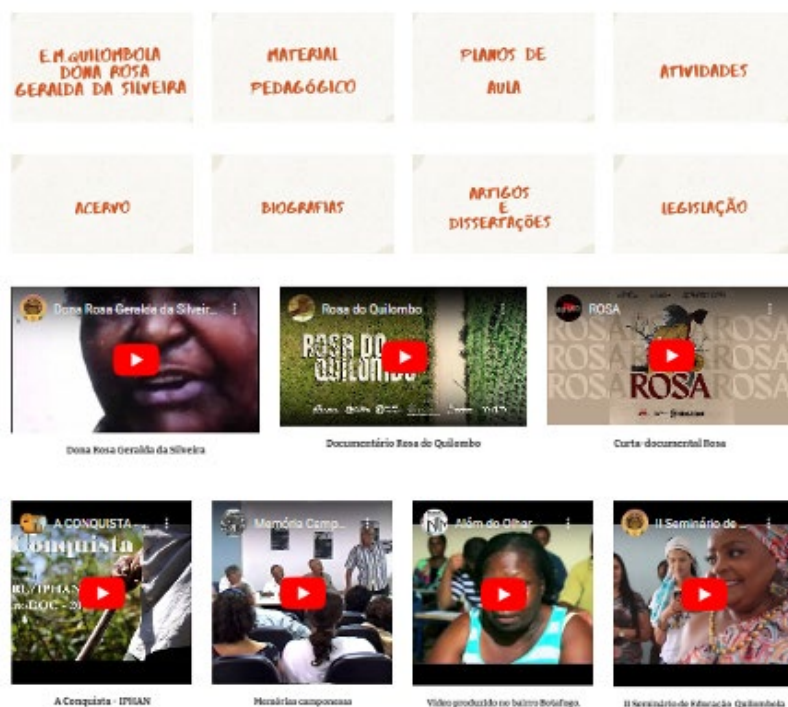
A ideia é a de aliar o uso de biografias de anciãos e anciãs importantes para a comunidade, como D. Rosa, Sr. João e D. Almerinda, com a de jovens, como Wagner Muniz e Sara dos Santos, dois universitários com forte orgulho de serem quilombolas. Eles mostram que as lutas continuam com novas “armas” e que ainda há muito a conquistar. Não menos importantes são as biografias das duas professoras Maria Graça dos Santos e Jaqueline Emília Pereira Teixeira. Enquanto Maria pertence à família Santos, uma das fundadoras da comunidade, Jaqueline Emília casou-se com um quilombola e teve filhos com ele, criando laços que a fazem se reconhecer como quilombola.

Desde o início do meu trabalho na escola, ouvia relatos dos professores/as. Havia dificuldades em planejar aulas sobre a história da comunidade. Segundo eles, parecia difícil encontrar material para uso em sala de aula. Ao longo da pesquisa, encontrei artigos e dissertações sobre Caveira, como também publicações em livros e documentários. Constatei que a dificuldade do corpo docente era transformar o conhecimento produzido em recurso para sala de aula, adaptando ao currículo e à faixa etária dos alunos. Dessa forma, pensei que a compilação de material, planos de aula e atividades em um site seria um facilitador para o corpo docente.

Dessa forma, criei o website www.quilombocaveira.com, que, além de servir como recurso pedagógico para professores/as na elaboração de suas aulas, também é um acervo público da, e para, a comunidade, com o objetivo de oferecer visibilidade ao protagonismo negro e quilombola da Caveira. O acervo também recebe atividades elaboradas por professores/as de outras escolas de comunidades quilombolas.

O website recebeu o Selo Saberes Históricos, que reconhece práticas de divulgação de conhecimento histórico ou produções historiográficas que reforçam os princípios éticos da disciplina de História, bem como os valores democráticos da sociedade brasileira.

FIGURA 6. PRINT DA PÁGINA DO WEBSITE



FONTE: WEBSITE QUILOMBO DA CAVEIRA, 2024.

Na reunião realizada com a comunidade para apreciação do site, ocorrida em 12 de dezembro de 2023 pelo aplicativo *Google Meet*, o quilombola Jandir dos Santos falou que, certa vez, um amigo seu foi pesquisar na internet sobre o Quilombo da Caveira e nada encontrou. Ele ressaltou na reunião a importância de agora ter informações sobre a comunidade na internet. Isso corroborou a angústia que eu via nos docentes pela falta de referências.

Apesar de atuar na coordenação pedagógica, o contato com os alunos e alunas acontecem. Realizamos rodas de conversa com os discentes e, sempre que possível, participamos de forma ativa nos projetos. A atividade descrita abaixo aconteceu durante a Semana da Consciência Negra, em 2021. Na ocasião, produzi um vídeo, narrado pela minha filha, Julia, sobre a luta do movimento negro e quilombola, acompanhado de jogos educativos, como jogo da memória, cruzadinha e jogo dos sete erros.

Naquele momento, as aulas estavam retornando em formato híbrido, após um período de distanciamento social iniciado em março de 2020 devido à pandemia do coronavírus (Covid-19). Neste retorno, havia um revezamento de turmas a cada semana e o medo do contágio ainda nos assombrava. Por questões de segurança e saúde, não foi possível abrir a escola a toda comunidade, tendo participação prática apenas dos alunos e professores.

O roteiro da atividade foi o seguinte:

- Apresentação de vídeo educativo sobre a História da Luta das comunidades quilombolas e a resistência do povo negro;
- Diálogo com os alunos sobre o significado das comunidades quilombolas, em especial do Quilombo da Caveira;
- Jogos educativos adaptados.

FIGURA 7. APRESENTAÇÃO DO VÍDEO SOBRE O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA PARA OS ALUNOS, EM NOVEMBRO DE 2021.



FONTE: ACERVO PESSOAL DA AUTORA.

Apesar dos avanços na construção de uma pedagogia quilombola, a escola aguarda há anos por obras que garantam uma infraestrutura adequada. Até hoje, por exemplo, a escola não possui uma quadra e seu único parquinho foi retirado porque já estava em condições precárias. A unidade escolar não consegue atender às demandas da Associação de Remanescentes do Quilombo Botafogo e Caveira, que reivindica a oferta do Ensino Fundamental Anos Finais, para evitar que os estudantes precisem se deslocar para fora do território ao prosseguir com seus estudos. Além disso, a escola não tem capacidade para atender a Educação Infantil conforme as necessidades da comunidade, o que levou à exclusão da oferta da Creche III, devido à falta de salas de aula. Essa unidade escolar ainda enfrenta problemas como: pisos soltos, caixa de gordura transbordando e o descaso do poder público.

Conclusão

Com base nas práticas e nos desafios descritos, a EEQ integra, sem dúvidas, o projeto de uma educação antirracista e de equidade de gênero, ao trazer para o centro as trajetórias de vida das pessoas mais velhas, sobretudo as mulheres que foram silenciadas durante o processo de escravização e também no pós-abolição, e a subsequente luta por direitos e cidadania. O silenciamento das trajetórias dessas pessoas está associado à negação de direitos territoriais e outros (acesso à saúde e educação de qualidade, saneamento básico...) no plano de cidadania, que é a reparação histórica. Portanto, a educação escolar de suas gerações, direito que lhes foi negado, deve estar baseada nas trajetórias de vida desses mais velhos para que as crianças e os jovens se entendam como sujeitos históricos dignos de direitos.

Ao reconhecer e valorizar os conhecimentos locais, culturais e históricos das comunidades, os educadores têm a oportunidade de criar um ambiente de aprendizagem mais significativo. Esse reconhecimento permite que os alunos se sintam mais conectados e engajados no processo educativo, promovendo um aprendizado mais profundo e contextualizado. Essa abordagem, além de fortalecer a aprendizagem histórica, contribui para o desenvolvimento de cidadãos críticos, conscientes de sua identidade e do papel que desempenham na sociedade.

A Educação Brasileira, com forte base eurocêntrica, sempre silenciou e invisibilizou trajetórias de vida e saberes. A forma negativa e folclorizada com que determinados grupos foram tratados ao longo da história do Brasil deixou marcas simbólicas que afetaram o seu (re) conhecimento identitário. É preciso “repensar processos educacionais que abarquem as comunidades quilombolas como elemento central de seus projetos”, como bem afirma Carril (2017, 244) sobre a necessidade de salvaguardar e reforçar a identidade cultural em ambientes escolares.

O trabalho com as memórias dos anciãos e anciãs é uma ação central na produção didática da educação escolar quilombola e produz impactos individuais e coletivos. Um processo no qual educadores e educandos são transformados. Nesses anos em que nos dedicamos ao desenvolvimento de uma educação antirracista, aprendemos que a linguagem teatral e da literatura infantil são importantes ferramentas para comunicar os valores de justiça que a sociedade precisa adquirir desde a infância.

A implementação da Educação Escolar Quilombola ainda enfrenta grandes desafios, principalmente pela falta de compreensão em perceber que se trata de uma modalidade de ensino com características e necessidades próprias. As Secretarias de Educação tendem a tratar como algo de menor relevância em comparação com outras modalidades. A institucionalização de políticas educacionais se faz necessária para que a EEQ aconteça de forma consistente, para que ela não dependa exclusivamente do protagonismo dos/das docentes.

Para sua eficácia, além da formação continuada de profissionais que atuam nas escolas quilombolas, é fundamental garantir também um plano de carreira específico, infraestrutura adequada e recursos pedagógicos necessários para sua concretização, pois os recursos e materiais atualmente utilizados são custeados e produzidos por nós, professores quilombolas, e, na contramão do “amor pela educação”, tal custo pesa em nosso orçamento.

Enfim, convidamos você, leitor, a conhecer nosso trabalho, nossas vibrantes comunidades e escolas. Principalmente, convidamos você a buscar informações sobre o Coletivo Nacional da Conaq, que tem realizado importantes incidências políticas no âmbito nacional para efetivar e ampliar as políticas públicas destinadas à educação escolar de nossas crianças quilombolas.

Referências bibliográficas

Accioli, Nilma. 2012. *José Gonçalves da Silva à Nação Brasileira: o tráfico ilegal de escravos no antigo Cabo Frio*. FUNARJ/Imprensa Oficial.

Alberti, Verena. 2004. *Manual de história oral*. FGV Editora.

Albuquerque, Eliana Correia de, Ferreira, Andréa Tereza Brito e Moraes, Artur Gomes de. 2008. As práticas cotidianas de alfabetização: o que fazem as professoras? In: *Revista Brasileira de Educação*. V.13. N.38. Maio/Ago.

Arrutti, J. M. 2004. Quilombos. In *Raça: Perspectivas Antropológicas*. Editora Unicamp.

Barth, Fredrik. 2005. Etnicidade e o Conceito de Cultura. *Antropolítica*. n.19, p. 15-30, 2. sem.

Bezerra Carril, Lourdes de Fátima. 2017. Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto. *Revista Brasileira de Educação*. 22 (69) 538-584. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782017226927>.

Brasil. 1988. *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988.

Brasil. *Decreto nº 10.088, de 05 de novembro de 2009*. CONVENÇÃO n. 169 sobre povos indígenas e tribais.

Brasil. 2012. Parecer CNE/CEB nº 16/2012, aprovado em 5 de junho de 2012. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola*.

Brasil. 2012. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola*. Brasília, DF: MEC, 2012.

Brasil. 2015. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/relatorios-analiticos/BNCC-APRESENTACAO.pdf>.

Nazario, Gessiane. 2015. “*Isso é uma questão muito política!*”: Relações Étnico-Raciais e Memória Quilombola no Espaço Escolar em Armação dos Búzios. Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em Sociologia da UFF/RJ.

Nazario, Gessiane. 2020. Trajetória acadêmica, raça e identidade quilombola: um breve relato biográfico. In: *Mulheres Quilombolas*. Póles Livros.

Nazario, Gessiane. 2020. “*O desafio da Mudança: educação quilombola e luta pela terra na comunidade Caveira*”. Tese de Doutorado do Curso de Pós-Graduação em Educação da UFRJ. Rio de Janeiro.

Nazario, Gessiane. 2022. *Revolta do Cachimbo: a luta pela terra no quilombo da Caveira*. Sophia Editora.

Oliveira, Juliana Pacheco de. 2024. *Educação Antirracista no Quilombo da Caveira: os desafios da construção de uma escola quilombola*. Dissertação (mestrado profissional), Instituto de História, Universidade Federal Fluminense.

Portelli, Alessandro. 2016. *História oral como arte da escuta*. Letra e voz.

Silva, Maria Ozanira da Silva e. 2006. Reconstruindo um processo participativo na produção do conhecimento: uma concepção e uma prática. In: Brandão, Carlos Rodrigues. Streck, Danilo R. (Orgs.) *Pesquisa Participante: o saber da partilha*. Ideias Et Letras.

Soares, Magda. 2020. *Alfabetizar-toda criança pode aprender a ler e a escrever*. Contexto.
